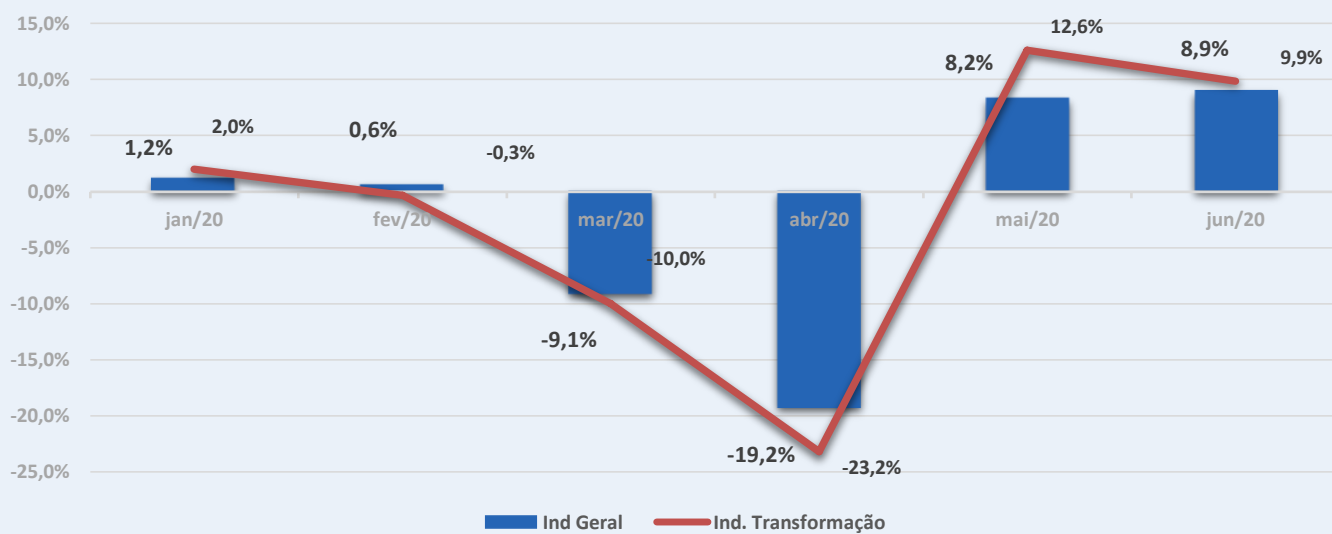


INDÚSTRIA MANTÉM RECUPERAÇÃO NA MARGEM

GRÁFICO Nº 1 - VARIAÇÃO (%) DOS ÍNDICES DE PRODUÇÃO DA INDÚSTRIA EM GERAL E DE TRANSFORMAÇÃO DO BRASIL - DESSAZONALIZADOS - IBGE - ELABORAÇÃO NÚCLEO DE PESQUISA IEL/FIEA



A recuperação da produção industrial brasileira tanto em geral como da de transformação, que tem início em maio, continua em junho quando comparada ao mês imediatamente anterior, conforme o gráfico nº 1. Na comparação com o mesmo período do ano anterior, todavia, a indústria em geral está com nível de produção de -9% e a de transformação de -10%. Em relação a fevereiro de 2020, mês que antecede ao isolamento social, a primeira praticamente voltou aquele patamar, registrando níveis de produção de -1% e a segunda de -2,2% abaixo. Apesar da melhora na margem, ainda há uma boa caminhada para recuperar o impacto da pandemia sobre a indústria. Isto fica claro quando comparamos a média da produção industrial no período de março a junho de 2020 com o mesmo período do ano anterior. No caso da indústria em geral, a queda na produção foi de -15,7% e na de transformação de -17,6%. Por categoria de uso final, as indústrias de bens de capital, bens intermediários e de consumo também mantêm a recuperação na margem da produção iniciada no mês de maio. Em relação a igual período do ano anterior o comportamento se assemelha ao observado para indústria em geral, ou seja, o IBGE registrou retrações da ordem de -22,3%; -6% e -11,7%, respectivamente. Na métrica que compara a produção média do quadrimestre de março a junho de 2020 com mesmo período do ano anterior, os níveis negativos de produção são bem mais pronunciados: agosto, após alta de 9,4 pontos frente a julho. As expectativas dos empresários da indústria intermediários -10% e bens de consumo -28%. Esse conjunto de dados dão uma ideia do impacto significativo da pandemia na produção industrial e colocam um grande desafio para a manutenção da recuperação da indústria, nitidamente observada a partir de maio, para os próximos meses e anos. Parece existir um relativo consenso que a recuperação da produção industrial a partir de maio foi, em grande medida, possibilitada pelo auxílio emergencial que vai injetar até agosto, último mês de sua vigência, 250,0 bilhões na economia brasileira e beneficiar cerca de 66 milhões de pessoas. Estes recursos estão sendo canalizados para a camada da população que possui a maior propensão a consumir, o que tem um impacto importante nas indústrias de alimentos, medicamentos e em menor proporção, de bens duráveis. A melhoria da produção industrial, nos últimos dois meses, tem levado o mercado financeiro a rever suas expectativas de queda da produção industrial em 2020 como também de expansão da produção em 2021. No primeiro caso, a mediana passa de -9% em julho para -7,7% em agosto, o que ainda representa uma retração expressiva, e, no segundo, de 4% para 5,4% em igual período. O ICEI (Índice de Confiança do Empresário Industrial), segundo a CNI, também continuou registrando recuperação da confiança dos empresários, que alcançou 57 pontos em agosto, após alta de 9,4 pontos frente a julho. As expectativas dos empresários da indústria passou de 54,1% em julho para 62,1% em agosto, demonstrando aumento do otimismo empresarial para os próximos meses. A avaliação das condições atuais saltou 12,4 pontos no mesmo período, mas ainda continua abaixo do 50, com 46,9, indicando retração. A despeito dos sinais de melhora nos indicadores da indústria, a continuidade do processo de recuperação dependerá, além das questões de natureza sanitária, dos efeitos das mudanças na política de sustentação da renda (auxílio emergencial), no curto prazo, assim como da retomada dos investimentos no pós-pandemia. Há um grande debate acerca do papel dos investimentos públicos como catalisador dos investimentos privados, mas para tanto o mesmo teria que sair do Teto dos Gastos. Os dados deixam claro que o impacto negativo da pandemia na produção teria sido muito maior se não fossem as políticas de sustentação da renda das famílias, de benefício de preservação do emprego e de compensação das perdas de receitas dos estados e municípios. A única política que deixou a desejar foi a de acesso das micro e pequenas empresas a linhas de crédito, com implicações importantes sobre a capacidade de sobrevivência dessas empresas. O que não está claro, contudo, é como a economia reagirá no momento que estes estímulos forem retirados.

BANCO CENTRAL SINALIZA PAUSA NA SELIC

Os levantamentos semanais realizados no bojo da pesquisa FOCUS/BCB, junto às instituições financeiras, continuam registrando dispersão muito pronunciada entre as expectativas máximas e mínimas para as taxas de inflação (IPCA), em 2020, 2021 e 2022. De acordo com os dados do FOCUS de 14/08/2020, as expectativas variavam entre 2,7%aa a 1,1%aa; de 4,4%aa a 2,1%aa; e de 4,0%aa a 2,6%aa; respectivamente. Com a mediana ficando em 1,7%aa, 3,0%aa e 3,5%aa. É importante salientar, ainda, que no horizonte relevante da política monetária de 2021 a 2023, a taxa de inflação esperada se encontra abaixo do centro da meta. Assim, com base nessas projeções, o BCB ainda teria espaço para reduzir a Selic, em um ou dois cortes de 25pb. O que justifica a sinalização do BCB para uma pausa no ajuste para baixo da Selic na última reunião do Comitê de Política Monetária (COPOM)? À primeira vista, na avaliação do BCB a economia brasileira

estaria se recuperando em um ritmo mais rápido do que o previsto anteriormente e tal dinâmica reforçaria a melhoria nos índices de confiança dos empresários e consumidores. Ademais, dado que com a pandemia o déficit primário estimado seria da ordem de -11,7% do PIB e a relação dívida/PIB se aproximaria do patamar de 100%, o BCB estaria sendo mais cauteloso na gestão da política monetária, enquanto não houvesse uma sinalização clara quanto ao andamento das reformas tributária e administrativa e no tocante a preservação do “Teto do Gasto”. Este conjunto de fatores estaria pesando mais na análise de risco do BCB para manter a selic no patamar de 2,0%aa do que o fato de, no melhor cenário, a economia brasileira contrair 5,5% em 2020, segundo mediana do último relatório FOCUS. Alguns aspectos apontam para um excesso de cautela do BCB. Primeiro, conforme colocado anteriormente, as taxas de inflação esperadas em 2020 e 2021

encontram-se abaixo do piso da meta de 2,5%aa, no primeiro caso, e do centro da meta de 3,75%, no segundo, o que abre espaço dentro do regime de Metas de Inflação para a continuidade da política de redução da taxa básica de juros. Segundo, apesar dos sinais de melhora com os avanços nas pesquisas para o desenvolvimento de vacinas, o controle da pandemia continua desafiando o Brasil e vários países. Por fim, ainda há muita dúvida quanto aos reflexos sobre a economia do corte ou diminuição do auxílio emergencial a partir de setembro. Todos estes fatores sinalizam que o BCB pode estar se precipitando ao decidir interromper a trajetória de queda da selic, principalmente quando se sabe que a economia continua operando com bastante capacidade ociosa e bem abaixo do seu potencial.

A PRODUÇÃO INDUSTRIAL BRASILEIRA EM JUNHO DE 2020

O desempenho da indústria brasileira em junho de 2020 apresentou, com o início do relaxamento das políticas de isolamento social, no levantamento com ajuste sazonal, continuidade da recuperação com 8,9%. Na comparação com o mesmo mês em 2019, todavia, a indústria registrou retração de -9% na produção. De acordo com o Instituto de Estudos para o Desenvolvimento da Indústria (IEDI), não obstante a reativação da indústria a partir de maio, dada a excepcionalidade da crise da

Variações da Produção Industrial - Junho 2020 - %				
	No mês (com ajuste sazonal)	Mesmo mês ano anterior	No ano	Doze meses
Indústria geral	8,9	-9,0	-10,9	-5,6
Bens de capital	13,1	-22,2	-21,2	-11,0
Bens intermediários	4,9	-5,9	-6,6	-4,2
Bens de consumo	15,9	-11,6	-16,2	-6,8
Bens de consumo duráveis	82,2	-35,1	-36,8	-16,9
Semiduráveis e não duráveis	6,4	-5,6	-10,3	-4,0
Extrativa Mineral	5,5	-0,9	-2,7	-5,1
Transformação	9,9	-10,0	-11,9	-5,7

Fonte: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal - Elaboração Própria

Covid-19, mais do que o retorno ao azul, a questão importante é o perfil da recuperação daqui para frente. O setor voltará ao baixo dinamismo de 2017-2019 ou conseguirá estabelecer uma trajetória mais robusta de expansão? Como já assinalado anteriormente, o controle da pandemia, a reação da economia mundial e o modo com que serão retiradas as medidas emergenciais adotadas pelo governo no combate à crise do coronavírus, bem como o resgate da agenda de reformas, notadamente a de nosso sistema tributário,

são fatores importantes para a virtuosa recuperação da indústria. Ainda segundo o IEDI, depois de o nível de utilização da capacidade instalada da indústria de transformação, de acordo com a série da FGV com ajustes sazonais, ter despencado para 57,3% em abril de 2020, com a paralisação de muitas unidades produtivas e o desenho de protocolos de segurança sanitária nas empresas vêm possibilitando a retomada de algumas atividades, elevando a utilização da capacidade instalada para 60,3% em maio e 66,6% em junho. Contudo,

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE ALAGOAS – FIEA

PRESIDENTE

José Carlos Lyra de Andrade

1º VICE PRESIDENTE

José da Silva Nogueira Filho

DIRETOR EXECUTIVO

Walter Luiz Jucá Sá

GERENTE UNITEC

Helvio Braga Vilas Boas

INSTITUTO EUVALDO LODI – IEL

DIRETOR REGIONAL

José Carlos Lyra de Andrade

SUPERINTENDENTE

Helvio Braga Vilas Boas

COORDENADORA DE INOVAÇÃO E PESQUISA

Eliana Maria de Oliveira Sá

ELABORAÇÃO

Núcleo de Inovação e Pesquisa IEL/AL

EQUIPETÉCNICA

CONSULTORES

Luciana Peixoto Santa Rita

Reynaldo Rubens Ferreira Junior

ESTAGIÁRIOS

Laura Vitória Chagas Lins

Marcus Vinicius de Oliveira Costa Barbosa

CONTATO: (82) 2121-3079